

## O BOTA ABAIXO DOS TEATROS CARIOCAS

Ana Luisa Soares da Silva<sup>1</sup>

**RESUMO:** Este trabalho visa apresentar a trajetória dos teatros construídos na cidade do Rio de Janeiro desde a primeira construção, que data do início do século XVIII, até os dias de hoje. Um levantamento feito sobre os teatros construídos e extintos na cidade demonstra que vários foram os motivos que os levaram à demolição. O trabalho propõe uma reflexão sobre a falta de preservação dos edifícios teatrais, dentro das políticas de patrimônio.

**PALAVRAS-CHAVE:** Teatros – Patrimônio – Política Cultural

### Introdução

Este artigo refere-se a uma pesquisa realizada por mim, que visou mapear os teatros construídos e destruídos na cidade do Rio de Janeiro, desde o início do século XVIII, com a abertura da “Ópera de Títeres”, até os dias de hoje. Encontra-se ainda em anexo, apenas a título de ilustração, a pesquisa completa com especificações que vão além das datas de construção dos mesmos.

Os teatros mais importantes do século XIX foram erguidos na região central da cidade, e existiam alguns fatos comuns às casas de espetáculos desta época: mudavam de nome constantemente, seja por questões políticas ou comerciais, e sofriam com um grande vilão, o fogo.

*“Todas as noites de espetáculo o admirador do teatro terá prontos no lugar mais conveniente que possível, os utensílios necessários para o caso de incêndio; os quais por ora se limitam a uma bomba, duas pipas ou tinas cheias de água, alguns baldes, picaretas e machados”* (Teatros do Rio: do século XVIII ao século XX, RJ, Dias, José da Silva, 2012, pg.74)

A reconstrução também era comum neste período, uma vez que muitos teatros foram destruídos pelos incêndios ou mesmo pelas demolições. Esta inconstância na manutenção dos prédios, a falta de política de preservação dos edifícios teatrais e o impacto sofrido no setor - a partir da abertura da Avenida Central, além da instalação dos cine teatros - acabaram sendo o mote deste trabalho.

O século XVIII foi rico nesse processo de construção de um ambiente cultural e os teatros foram muito presentes na formação da cidade. O próprio Governo lançou um alvará

---

<sup>1</sup> Em arte, Ana Luisa Lima tem bacharelado e licenciatura em Artes Cênicas pela Escola de Teatro da Uni-Rio, pós graduação lato sensu em Teatro: teoria e prática pela Faculdade de Letras da UFRJ e mestranda em Bens Culturais e Projetos Sociais pelo CPDOC-FGV. Atualmente é professora do Curso de Produção Cultural-IFRJ e gestora do projeto Fábrica de Espetáculos do Theatro Municipal do Rio de Janeiro.

em 17 de julho de 1771 no qual afirma que “*o teatro é um instrumento de educação*”.

No entanto, a falta de preservação patrimonial neste período era muito grande. A construção de uma vida cultural na cidade correu paralelamente à destruição de importantes patrimônios arquitetônicos, e nessa lógica muitos edifícios teatrais desapareceram e algumas verdadeiras joias arquitetônicas deixaram de existir.

Alguns poucos teatros resistiram às ações do tempo, até a abertura da Avenida Central, e apenas três funcionam ainda hoje como teatros; são eles: “**Teatro João Caetano**”, “**Teatro Carlos Gomes**” e “**Theatro Municipal do Rio de Janeiro**”. Mesmo assim, o primeiro se encontra totalmente descaracterizado do ponto de vista arquitetônico.

### **Teatro e Patrimônio**

No início do século XX, a reforma de modernização urbana da cidade do Rio de Janeiro se tornava urgente. Os problemas da cidade eram de saúde pública e a necessidade de tratar da sujeira e das epidemias de febre amarela e cólera eram prioridades. A construção de uma via de acesso como a Avenida Central com 119 prédios ecléticos e um patrimônio como o **Theatro Municipal do Rio de Janeiro** por exemplo, era o objetivo perseguido pelos governantes. Esta avenida era a síntese do bom gosto, introdução definitiva da cidade na *Belle Époque*. Neste período havia uma cidade que surgia e outra que desaparecia.

Não há políticas de patrimônio no Brasil relativas a este período, portanto torna-se visível a falta de proteção destes prédios dedicados à prática teatral. Mesmo nos tempos atuais, os teatros ainda são muito desprotegidos, dentre os três sobreviventes acima, apenas o “**Theatro Municipal do Rio de Janeiro**” tem tombamento Municipal, Estadual e Federal. O “**Teatro Carlos Gomes**” possui apenas proteção no âmbito municipal, estando desta forma fora das importantes políticas atualmente regidas pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN).

Como poderemos verificar neste trabalho, mesmo com os avanços no Registro dos Bens Culturais de Natureza Imaterial, essa nova face ou concepção de patrimônio não contempla este segmento. As casas de espetáculos quanto patrimônio arquitetônico raramente são protegidas e o registro das práticas dos fazeres artísticos voltados para a cena, muitas vezes, são perdidos, como é o caso de algumas profissões estritamente artesanais, como o pintor de telas em grandes proporções. Esta é uma profissão que não se renovou e encontra-se perdida no tempo, são saberes que não foram renovados no cenário artístico brasileiro, e

só se tornam possíveis em teatros com arquitetura específica, raros nos dias de hoje.

### **Teatros do Rio: do século XVIII ao século XXI**

Muitos teatros foram construídos pelo nosso país, e o pioneiro, ao contrário do que se imagina, não foi erguido na Corte. O primeiro teatro brasileiro data de 1746 e foi inaugurado em Ouro Preto, Minas Gerais. Nomeado de “A Casa da Ópera de Vila Rica”, foi posteriormente chamado de “Teatro Ouro Preto” e atualmente, ainda em atividade, é conhecido como “Casa da Ópera *Teatro* Municipal da Cidade de *Ouro Preto*”. Este foi o primeiro teatro construído na América do Sul.

Ainda restam em atividade no Brasil importantes teatros construídos a partir deste período, mas representam um percentual ínfimo quando comparado ao número de teatros construídos e não preservados até os dias de hoje.

Mesmo estabelecendo um recorte sobre as edificações existentes e preservadas na cidade do Rio de Janeiro, esses dados não são fáceis. A forma como as documentações são tratadas dificultam muito este trabalho, além do fato de a maioria dos teatros terem sido totalmente destruídos. No entanto, encontrei na pesquisa do cenógrafo José Dias e na da arquiteta Evelyn Furquim excelentes aportes para a realização deste trabalho.

Os principais motivos desse processo de destruição são os processos de urbanização da cidade, os muitos incêndios que eram acometidos ou ainda a especulação imobiliária. Muitos teatros foram derrubados para que fossem erguidos prédios comerciais, no momento em que a região central da cidade começava a ser valorizada como centro comercial e financeiro do país. É muito curioso observar como o Largo do Rossio ou Praça Tiradentes e arredores foi o maior polo cultural na história desta cidade, mesmo comparado aos tempos atuais. Esse espaço foi se perdendo, em parte migrando para outras áreas, e o resquício desta época hoje reside em um único teatro preservado em suas características, se não originais, ao menos históricas, que é o “**Teatro Carlos Gomes**”.

Considero importante destacar que alguns marcos são determinantes na construção de uma arquitetura teatral carioca, sendo o primeiro deles, sem dúvidas a abertura da Avenida Central, que data de 1905. Neste período, a cidade foi posta abaixo, e neste desmoronamento muitos teatros foram destruídos. Em contra ponto, neste período, mais precisamente em 1909, foi inaugurado o Theatro Municipal do Rio de Janeiro. Sua história está intrinsecamente ligada à abertura desta via e sua construção jamais poderia ser efetivada

antes. Muitos outros teatros foram derrubados em função da adequação urbana da cidade.

No decorrer desta pesquisa, foi possível perceber que a vida cultural do Rio de Janeiro foi se instalando a partir do desenvolvimento territorial da cidade. No século XIX, houve uma grande ocupação cultural no centro, sobretudo no Largo do Rossio e em seus arredores. Lá havia cafés e clubes ao lado dos Teatros, influenciando de forma determinante a formação cultural e social da população da época.

Algum tempo depois, em torno de 1920, mesmo quando já se chamava Praça Tiradentes e a Rua Espírito Santo já tinha sido rebatizada de Rua Pedro Primeiro, este continuava a ser o logradouro de maior movimento noturno do Rio de Janeiro. Ainda em função dos teatros que ali se instalaram, ‘chegaram’ depois os cafés-concerto, cafés-cantantes, cabarés e restaurantes que funcionavam até de madrugada.

Como podemos perceber, as casas de espetáculos foram sendo riscadas do mapa da cidade do Rio de Janeiro para que o progresso urbano e a especulação imobiliária ocupassem esses espaços. O polo cultural, que era a Praça Tiradentes, com seus inúmeros teatros, foi perdendo espaço. Inicialmente os teatros foram deslocando-se para outros pontos da cidade e espalhando-se à medida que a cidade ia crescendo.

*“(...) Desapareceram teatros como o Lyrico, São Pedro de Alcântara, casas por onde passaram grandes espetáculos, locais para onde ocorreu toda a sociedade do Rio, testemunha do esplendor de encenações. O teatro São Pedro, demolido e reconstruído para permitir o alinhamento da Avenida Passos e Rua Luís de Camões, dando origem ao Teatro João Caetano, é uma prova de como as inúmeras reformas sofridas podem sacrificar não só o estilo característico da construção de época, como a qualidade técnica”. (Teatros do Rio: do século XVIII ao século XX, RJ, Dias, José da Silva, 2012, pg.37)*

Posteriormente, houve uma tentativa de colocar abaixo o “Teatro Carlos Gomes”, mas este foi o estopim para que toda uma classe, nesse momento unida, lutasse contra a destruição de um patrimônio da cidade e a desfiguração da Praça Tiradentes. A imprensa de um modo geral deu cobertura aos artistas, informando aos leitores a grave situação que estava para ocorrer. A sociedade se deu conta tardiamente, depois que muitos teatros já haviam desaparecido, mas o “Teatro Carlos Gomes” foi preservado.

Ainda assim as migrações dentro da própria cidade continuavam acontecendo e a vida cultural do Rio de Janeiro caminhava em direção à Cinelândia. Inicialmente era considerada uma aventura um empresário teatral abrir um teatro fora da Praça Tiradentes.

Paschoal Segreto<sup>2</sup> foi o pioneiro, mas como além de ser um homem de teatro, era também quem trazia a projeção cinematográfica para a cidade, a Cinelândia acaba por virar um polo de cinematógrafos. Neste período surgem os cineteatros, casas de espetáculos com dupla função, que mais uma vez põe em risco a atividade teatral da época.

Um outro fato migratório que se dá posteriormente é o aparecimento dos cassinos, sobretudo nos bairros da zona sul, Copacabana e Urca, que também contribuíram para a descentralização das casas de espetáculos. Os cassinos atraíam o público para o jogo, mas todos tinham excelentes casas de shows, nas quais espetáculos musicais como grandes shows de música brasileira, apresentações de dança com ênfase no samba e no carnaval e teatro de revistas eram apresentados ao público em geral.

Neste período, o público de classe média e alta passou a frequentar mais os Cassinos e cada vez menos os Teatros, que nesse momento tinham no seu público as classes mais populares. Depois da proibição do jogo pela Constituição de 1946, este público não voltou ao teatro, foi para os *night-clubs*, que ficavam espalhados pela zona sul do Rio. O Centro da Cidade, durante um longo período, deixou de ser o catalisador da efervescência cultural, ficando completamente desabitado nos fins de semanas.

A primeira metade do século XIX conheceu um período de euforia artística, já as décadas seguintes enfrentaram uma realidade mais difícil. Entre a reurbanização da cidade e a demolição de um teatro, a escolha era simples, e a garantia de reconstrução de um teatro no lugar do demolido, na maioria das vezes não acontecia.

*“A História dos teatros é uma história de permanentes mudanças, não só decorrentes das tragédias que sofreram, como por consequência das más administrações responsáveis pelo péssimo estado de conservação...além de serem raros os teatros que possuem hoje um material iconográfico confiável (...) a verdade é que a memória do edifício teatral não tem registro, são poucas as plantas ou fotografias de que se dispõe para uma análise, e quando existem, a maioria não é datada ou não assinala o local, gerando dúvida ou falta de confiança quanto ao seu valor histórico.”* (Teatros do Rio: do século XVIII ao século XX, RJ, Dias, José da Silva, 2012, pgs.35 e 37)

*“Há uma incontrolável fúria imobiliária à cata de meios para expandir e fazer dinheiro e essa fúria é responsável pelo desaparecimento de monumentos arquitetônicos cuja não permanência, modificou, total e infelizmente toda fisionomia do Centro do Rio.”* (Teatros do Rio: do século XVIII ao século XX, RJ, Dias, José da Silva, 2012, pg.145)

Considero importante pontuar como o desenvolvimento destes polos culturais estão

---

<sup>2</sup> Um dos mais importante empresários teatrais, fundou uma Companhia dedicada ao gênero cômico e popular musicado e o primeiro empresário a investir na abertura de casas de espetáculos e cinemas fora do território da Praça Tiradentes.

ligados ao desenvolvimento geográfico da cidade. A história dos teatros conta uma trajetória de resistência. É surpreendente o esforço desempenhado por empresários teatrais, artistas e intelectuais ligados ao universo das artes cênicas que incentivaram, defenderam e mantiveram um panorama estável de casas de espetáculos em bom funcionamento.

Muitos teatros foram devastados pelo fogo, outros pela má conservação e uma grande parte pela especulação imobiliária. Concluo que em um país onde os teatros são poucos e muitos já foram derrubados, é dever das autoridades promover a construção de novas salas de espetáculos. No início do século XX, essa era a mais efetiva forma de política cultural estabelecida. Além destas, é fundamental que a política de preservação e conservação do patrimônio histórico cultural trate da proteção e conservação dos já existentes.

Estudar o teatro de uma época, a partir dos seus prédios, de sua preservação ou não e consequentemente das programações adotadas nestes ‘prédios’, é muito interessante. A arquitetura e a região na qual o teatro está instalado, influência diretamente a programação e o público pretendido. É a história prática de um prédio e os ofícios efetivamente praticados neste espaço.

Torna-se curioso observar também que muitos teatros com espaços cênicos reduzidos e poucos recursos técnicos foram muito importantes para a história do teatro e alguns outros, mais abastados, não deram tão certo. Com certeza, o nível de comprometimento, somado a uma química especial, gerava bons resultados. O que podemos concluir é que não há uma receita de sucesso para a abertura de teatros e sua longevidade.

É muito importante perceber que construir ou demolir teatros está inserido em um contexto muito maior, político, histórico e social. É comum pensarmos que nossa atividade está no centro do processo e foi muito interessante descontextualizar um pouco algumas questões. Com a chegada do cinematógrafo, muitos teatros viraram cinemas ou cineteatros, mas em 1926, com a 1ª Guerra Mundial, a dificuldade de se conseguir fitas foi enorme, e muitos cinemas voltaram a ser cineteatros. Ou seja, são fatos históricos mundiais, alterando a história do teatro brasileiro.

Foram muitos os teatros desativados na cidade, e embora o vilão mais famoso tenha sido os incêndios, foi possível perceber um ainda mais poderoso que o fogo, porém menos divulgado: a especulação imobiliária. Nossos mais importantes prédios teatrais estavam localizados no centro da cidade no início deste trabalho. Justamente onde a cidade deveria ser renovada e valorizada financeiramente. Até hoje, são poucos os teatros preservados nas três esferas de poder.

A organização cronológica das construções dos teatros que segue tem a finalidade de visualizar no tempo para onde migraram os teatros e o fazer teatral. Houve do século XX uma clara tendência da vinda dos teatros para a zona sul da cidade, já a partir da década de 70 as casas de espetáculos começaram a ser construídas também nos *shoppings*.

Já o início dos anos 90 foi marcado pelas implantações dos Centros Culturais, construções que até hoje abrigam várias linguagens artísticas com interface com projetos artístico-educacionais. Curiosamente, os *shoppings*, assim como os Centros Culturais, são ambientes nos quais a população se sente segura. Também nota-se neste período a maior presença de Instituições que abrem seus Espaços Culturais, mesmo que esta não seja sua atividade final.

Atualmente percebe-se uma tendência maior em construir espaços culturais e também fomentar a criação artística fora do eixo centro-zona sul. Há um formato de política cultural estabelecida no país, desde 1992, imprimida pelo Ministério da Cultura e absorvida por muitos estados e municípios, e o Rio de Janeiro encontra-se alinhado a esta visão.

É a descentralização de recursos e protagonismo no fazer cultural que marca a tônica do período em que vivemos. Por isso, não devemos estranhar a construção ou reconstrução de novos espaços na cidade, entre eles os mais expressivos: Imperator (Méier), Cidade das Artes (Barra da Tijuca), Teatro Bradesco (Barra da Tijuca), Arena Carioca Jovelina Pérola Negra (Pavuna), Arena Carioca Dicro (Penha), Arena Chacrinha (Pedra de Guaratiba), Arena Carioca Fernando Torres (Madureira). Estes, inclusive as Arenas, tratam-se de equipamentos novos, com boa qualidade técnica, programação de qualidade e foco na formação de público.

Essas ações seriam impensadas desta forma há 20 anos atrás. Não tratarei deste assunto aqui neste trabalho, pois me dediquei à pesquisar os teatros inseridos no eixo centro zonal sul da cidade, pois aí está a maior migração de equipamentos culturais. Como a Tijuca teve três ações isoladas de relevância artística-teatral, considero importante citá-las, são elas: “Teatro Louis Jouvet” ou “Teatro da Aliança Francesa da Tijuca” (1975), “Teatro Sesc Tijuca” (1977) e “Teatro Ziembinski” (1988), os dois últimos ainda encontram-se em atividade.

A seguir o apanhado sintetizado dos teatros construídos nas zonas central e sul da cidade. Estão grifados os teatros que permanecem com atividades teatrais relevantes, pertencentes a um circuito profissional de apresentações de espetáculos. Mantive ainda marcados os teatros que se encontram em reformas, mas com prazos efetivos para serem reabertos. Esta listagem é absolutamente atual.



A partir desta pesquisa, acho interessante pensar sobre o que é o empreendedor teatral em nosso tempo, que tipo de pessoa abre nos dias de hoje um teatro, quais as diferenças entre produtor e empresário e enfim, qual o perfil do novo empresário teatral atualmente. Com esse trabalho, percebo que há um problema com a nomenclatura, e produzir hoje não é mais investir financeiramente, como era feito no século XIX.

Segundo o produtor teatral e presidente da Associação de Produtores de Teatro do Rio de Janeiro (APTR), — Surgem novas salas em número significativo, mas o importante é avaliar a que tipos de produção e público elas se destinam. Seria importante a proliferação de casas de médio porte, que atendessem a uma diversidade de linguagens e estéticas. Os teatros privados estão dominados por comédias, musicais e peças com atores famosos, assim como alguns teatros públicos se atêm à produção de pesquisa. Há muita gente entre os dois polos sem espaço.

Há uma queixa geral no mercado teatral carioca. Nos últimos anos, sobretudo após o boom dos editais, sobraram produções teatrais e faltaram palcos, as temporadas ficaram cada vez mais curtas e os artistas tiveram que sair em busca de espaços alternativos. Atualmente podemos perceber a partir dos teatros abertos, que são poucos os profissionais de teatro que investem no desenvolvimento do setor, fazendo com que tenhamos muitos produtores, mas poucos empresários teatrais. Observo também que ao contrário do início da atividade teatral na cidade do Rio de Janeiro, raros são os artistas que investem no próprio setor e abrem seus próprios teatros.

Através do estudo dos prédios teatrais, ao tentar perceber o que está contido na construção ou as circunstâncias de sua desativação, me lembro do livro *A Alma Encantadora das Ruas*, de João do Rio, que escreve justamente a partir da necessidade da cidade do Rio de Janeiro, em respirar modernidade, no início do século XX.

São muito poucos os inventários do teatro carioca, e esse assunto está longe de se esgotar. A minha intenção foi abordá-lo ainda que superficialmente pela ótica do fazer teatral, vinculado à existência das casas de espetáculos. Percebo que, assim como as ruas, que têm almas, os prédios também as têm, e estes podem contar histórias incríveis. Imagino como seria interessante, nos moldes do inventário das ruas feito por João do Rio, fosse escrito um inventário dos teatros cariocas, possibilitando enxergar o teatro feito na cidade ao longo destes períodos, através dos seus prédios. A seguir, a síntese do levantamento realizado, que segue completo em anexo, e um pouco mais da nossa história.



## Os Teatros da Capital Federal e da Cidade do Rio de Janeiro

- “Ópera de Títeres” (início do século XVIII)
- “Casa de Ópera do Padre Ventura” ou “Ópera dos Vivos” ou “Casa da Ópera Velha” ou “Casa do Padre Ventura” (1767)
- “Theatro de Manuel Luiz” ou “Ópera Nova” ou “Ópera Nova” ou “Nova Casa da Ópera” ou “Nova Ópera” ou “Casa da Ópera de Manuel Luiz” (1776)
- “Theatrinho” (1778)
- “Real Theatro de São João” ou “Imperial Teatro São Pedro de Alcântara” ou “Teatro Constitucional Fluminense” ou “Teatro São Pedro de Alcântara” ou “Teatro João Caetano” (1813)
- “Teatrinho” (1815)
- “Teatro do Plácido” (1823)
- “Teatro Porphyrio” ou “Teatro da Rua do Lavradio” (1824)
- “Teatrinho da Rua dos Arcos” (1824)
- “Teatrinho do Largo de São Domingos” (1828)
- “Teatro São Francisco de Paula” ou “Teatro São Francisco” ou “Ginásio Dramático” (1832)
- “Teatro São Pedro” ou “Teatro do Valongo” (1834)
- “Teatro da Praia de D. Manuel” ou “Teatro São Januário” ou “Ateneu Dramático” (1834)
- “Teatro Tivoly” ou “Teatro Paraiso” ou “Pavilhão Fluminense” (1847)
- “Teatro Provisório” ou “Teatro Lírico Fluminense” (1852)
- “Circo Olympico” ou “Imperial Teatro D. Pedro II” “Teatro Lyrico” (1854)
- “Teatro Alcazar Lyrique” (1859)
- “Teatro Santa Leopoldina” (1860)

- “Teatro Eldorado” ou “Recreio do Comercio” ou “Jardim de Flora” ou “Phênix Dramático” ou “Variedades Dramáticas” ou “Teatro Phênix” (1863)
- “Teatro São Luís” (1870)
- “Teatro Casino Franco-Brésilien” ou “Teatro Carlos Gomes” (1872)
- “Teatro Vaudeville” (1874)
- “Teatro Circo” e “Politeama Fluminense” (1876)
- “Teatro Varietés” ou “Teatro Brazilian Garden” ou “Teatro Recreio Dramático” ou “Teatro Recreio” (1877)
- “Teatrinho da Gávea” (1878)
- “Teatro Lucinda” (1880)
- “Teatro Príncipe Imperial” “Teatro Eden” ou “Teatro Fluminense” ou “Teatro Recreio Fluminense” ou “Teatro Variedades” ou “Teatro Moulin Rouge” ou “Teatro São José” (1881)
- “Teatro Apollo Inválidos” (1886) e “Teatro Apollo Lavradio” (1890)
- “Teatro Eden Lavradio” (1895)
- “Teatro Cassino Nacional” (1900)
- “Teatro High-Life” (1900)
- “Teatro Hodierno Club” (1901)
- “Teatro Parque Fluminense” (1902)
- “Teatro Maison Moderne” ou “Teatro Apolo” (1903)
- “Teatro da Exposição de Aparelhos de Álcool” (1903)
- “Teatro Théâtre” (1906)
- “Teatro Cine-Teatro Rio Branco” (1907)
- “Teatro Pathé” (1907)
- “Concerto Avenida” (1908)
- “Teatro as Exposição Nacional” (1908)
- “Cinematógrafo Odeon” (1909)
- “Cine Ideal” (1909)
- “Cinematógrafo Soberano” ou “Cinema Íris” (1909)
- “Teatro Municipal do Rio de Janeiro” (1909)
- “Teatro Chantecler” ou “Cinema Max” ou “Cinema Olympia” (1911)
- “Teatro Politeama” (1911)
- “Teatro República” ou “Cinema República” ou “Moinho Vermelho” ou “Teatro Novo” (1914)
- “Teatro Trianon” (1915)
- “Teatro da Natureza” (1916)
- “Teatro Central”, “Cinema Central” ou “Teatro Eldorado” (1919)
- “Cineteatro Rialto” (1921)
- “Teatro Centenário” ou “Cinema Centenário” (1922)
- “Teatro Capitólio” (1925)
- “Cineteatro Glória” (1925)
- “Cineteatro Império” (1925)
- “Theatro Casino” (1926)
- “Teatro de Brinquedo” (1927)
- “Teatro Alhambra” ou “Cinema Alhambra” (1932)
- “Teatro do Cassino da Urca” (1933)
- “Teatro Rival” (1934)
- “Teatro Meu Brasil” ou “Rio-Teatro” (1934)
- “Teatro Regina” ou “Teatro Dulcina” (1935)
- “Teatro Ginástico” ou “Teatro SESC Ginástico” (1938)
- “Teatro Serrador” (1940)
- “Teatro do Fluminense” (1941)

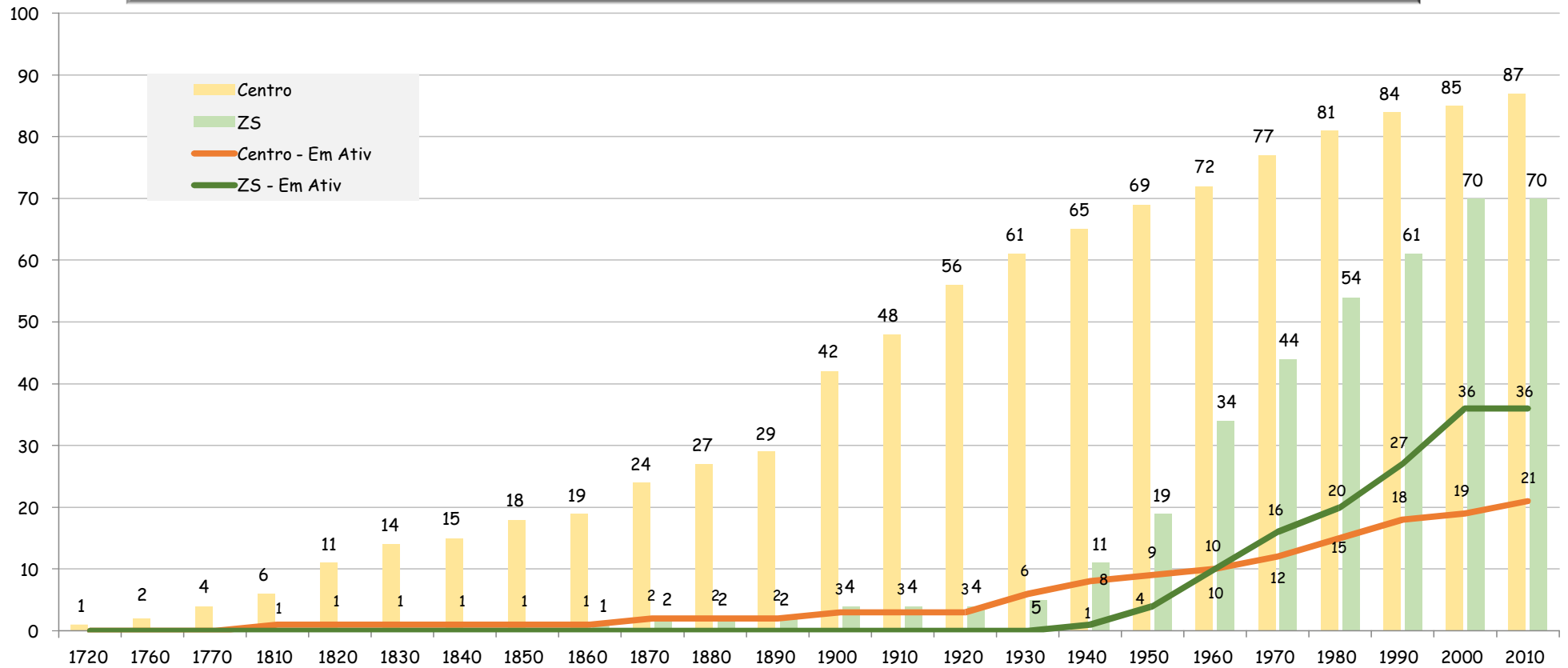
V SEMINÁRIO INTERNACIONAL – POLÍTICAS CULTURAIS – 7 a 9 de maio/2014.  
Setor de Políticas Culturais – Fundação Casa de Rui Barbosa – Rio de Janeiro – Brasil

- “Cineteatro Colonial” ou “Sala Cecília Meireles” (1941)
- “Cine Vitória” ou “Livraria Cultura e Sala Eva Herz” (1942)
- “Teatro Jardel” (1948)
- “Teatro Astral” (1949)
- “Teatro O Tablado” (1949)
- “Teatro de Bolso” ou “Teatro de Bolso de Ipanema” (1949)
- “Teatro Copacabana” (1949)
- “Teatro Follies” (1949)
- “Teatro Pen” (1950)
- “Teatro Alaska” ou “Cinema Alaska” ou “Espaço das Artes” (1950)
- “Teatro Duse” (1952)
- “Teatro Mesbla” (1955)
- “Teatro da Fonte” ou “Teatro da Fonte da Saudade” (1956)
- “Teatro Maison de France” (1956)
- “Teatrinho do Olympico” (1956)
- “Teatro São Jorge” ou “Teatro do Rio” ou “Teatro Experimental Cacilda Becker” (1957)
- “Teatro da Praça” ou “Teatro Gláucio Gill” (1958)
- “Teatro Santa Terezinha” (1958)
- “Cinema Ricamar” ou “Espaço SESC Rio Arte” ou “Sala Baden Powell” (1958)
- “Teatro Opinião” ou “Teatro de Arena” ou “Café Teatro Arena” (1959)
- “Teatro da União das Operárias de Jesus” ou “Teatro Jovem” ou “Teatro Imperial” (1960)
- “Teatro Paulo Magalhães” (1960)
- “Teatro Nacional de Comédia” ou “Teatro Glauce Rocha” (1960)
- “Teatro Santa Rosa” (1961)
- “Teatro Carioca” (1964)
- “Teatro Gil Vicente” (1965)
- “Teatro Princesa Isabel” (1965)
- “Teatro Miguel Lemos” ou “Teatro Sergio Porto” ou Teatro Brigitte Blair I” (1965)
- “Teatro Infantil do Parque do Flamengo” (1965)
- “Teatro da Lagoa” ou “Papagaio Café-Cabaret” (1966)
- “Teatro da Galeria Astor” (1966)
- “Café Teatro Casa Grande” ou “Teatro Casa Grande” ou “Teatro OI Casa Grande” (1966)
- “Mini Teatro” (1967)
- “Teatro Ipanema” ou “Teatro Rubens Correa” (1968)
- “Teatro de Bolso do Leblon” ou “Teatro Aurimar Rocha” ou “Teatro Café Pequeno” (1968)
- “Teatro da Praia” (1969)
- “Teatro Fênix” (1969)
- “Teatro das Artes” ou “Teatro da Cidade” (1969)
- “Teatro Bertold Brecht” ou “Teatro Planetário da Gávea” ou “Teatro Maria Clara Machado” (1970)
- “Teatro Senac Copacabana” (1970)
- “Teatro Glória” (1970)
- “Miniteatro ATA” (1971)
- “Teatro Gonzaguinha” (1971)
- “Teatro D. Pedro I” ou “Teatro Hotel Nacional” (1972)
- “Teatro Cachimbo da Paz” (1972)
- “Teatro Tereza Rachel” ou “Theatro NET Rio” (1972)
- “Teatro da Galeria” (1972)
- “Teatro Manchete” ou “Teatro Adolpho Bloch” (1973)
- “Teatro BNH” ou “Teatro Nelson Rodrigues” (1975)

V SEMINÁRIO INTERNACIONAL – POLÍTICAS CULTURAIS – 7 a 9 de maio/2014.  
Setor de Políticas Culturais – Fundação Casa de Rui Barbosa – Rio de Janeiro – Brasil

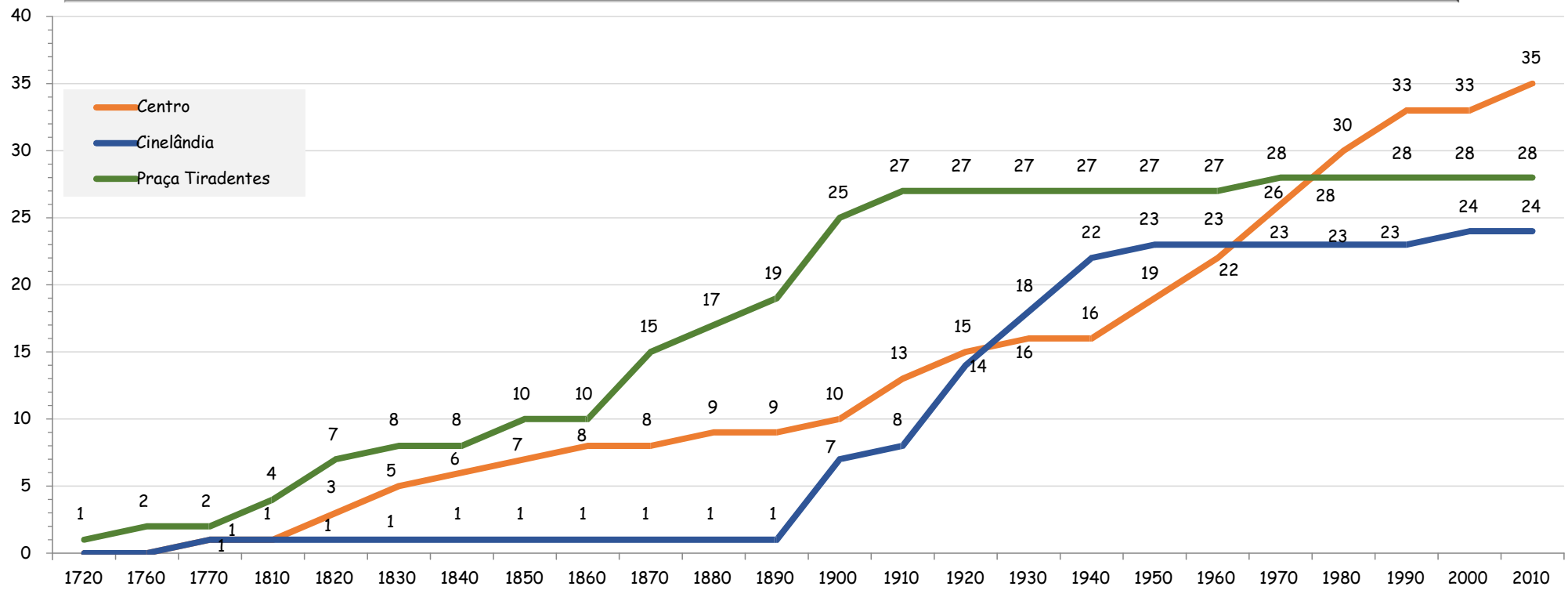
- “Teatro Clara Nunes” (1977)
- “Teatro Vanucci” (1978)
- “Teatro Villa-Lobos” (1978)
- “Teatro dos Quatro” (1978)
- “Teatro Tapume” (1980)
- “Museu do Telefone” ou “Teatro Beira-Mar Flamengo” ou “Teatro do Centro Cultural Oi Futuro Ipanema” (1981)
- “Espaço da Escola de Artes Visuais Parque Lage” (1982)
- “Teatro Delfin” ou “Teatro UniverCidade” (1982)
- “Teatro Cândido Mendes” (1983)
- “Teatro Scala” (1984)
- “Teatro Alice” (1984)
- “Teatros da Casa de Cultura Laura Alvim” (1986)
- “Espaço Cultural Sérgio Porto” (1986)
- “Teatro João Theotônio” (1988)
- “Teatros CCBB - “Teatro I”, “Teatro II” e “Teatro III” (1989)
- “Teatro Posto 6” (1989)
- “Teatro da Casa da Gávea” (1992)
- “Teatro do Centro Cultural dos Correios” (1993)
- “Teatro do SESP” (1994)
- “Teatros Leblon” (1994)
- “Teatro Bibi Ferreira” (1995)
- “Teatro SESC Copacabana” (1995)
- “Teatro do Centro Cultural Parque das Ruínas” (1997)
- “Teatro das Artes” (1998)
- “Teatro Centro Cultural da Justiça Federal” (2001)
- “Teatro do Jockey – Centro de Referência Cultura Infância” (2001)
- “Teatro Poeira” (2006)
- “Teatro Solar de Botafogo” (2007)
- “Teatros Fashion Mall” (2009)
- “Teatro Tom Jobim” (2009)
- “Teatro Galpão Gamboa” (2010)

**Quadro Comparativo: Teatros Abertos por Década x Os que ainda estão em atividade**



Década		1720	1760	1770	1810	1820	1830	1840	1850	1860	1870	1880	1890	1900	1910	1920	1930	1940	1950	1960	1970	1980	1990	2000	2010
Centro	Em Ativ				1	1	1	1	1	1	2	2	2	3	3	3	6	8	9	10	12	15	18	19	21
	Fora Ativ	1	2	4	5	10	13	14	17	18	22	25	27	39	45	53	55	57	60	62	65	66	66	66	66
	Total	1	2	4	6	11	14	15	18	19	24	27	29	42	48	56	61	65	69	72	77	81	84	85	87
Zona Sul	Em Ativ																1	4	10	16	20	27	36	36	
	Fora Ativ									1	2	2	2	4	4	4	5	10	15	24	28	34	34	34	34
	Total									1	2	2	2	4	4	4	5	11	19	34	44	54	61	70	70

### Teatros Cariocas: Deslocamento Regional



Década	1720	1760	1770	1810	1820	1830	1840	1850	1860	1870	1880	1890	1900	1910	1920	1930	1940	1950	1960	1970	1980	1990	2000	2010	
Centro	0	0	1	1	3	5	6	7	8	8	9	9	10	13	15	16	16	19	22	26	30	33	33	35	
Cinelândia	0	0	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	7	8	14	18	22	23	23	23	23	23	23	24	24
Praça Tiradentes	1	2	2	4	7	8	8	10	10	15	17	19	25	27	27	27	27	27	27	27	28	28	28	28	28

## Referências Bibliográficas

CHIARADIA, Filomena. *A Companhia do Teatro São José: a menina dos olhos de Paschoal Segreto*. São Paulo: Hucutec Editora, 2012.

DIAS, José da Silva. *Teatros do Rio: do século XVIII ao século XX*. Rio de Janeiro: FUNARTE, 2012.

GARCIA, Lucia. *Guia do Patrimônio Cultural Carioca: bens tombados*. Rio de Janeiro: Prefeitura do Rio, 2008.

GUINSBURG, Jacó e João Roberto Faria. *História do Teatro Brasileiro I: das origens ao teatro profissional da primeira metade do século XX*. São Paulo: Perspectiva, 2012.

LERNER, Dina e Marcos Bittencourt. *Patrimônio Cultural: guia dos bens tombados pelo Estado do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: INEPAC, 2012

LIMA, Evelyn Furquim Werneck. “*Arquitetura do Espetáculo: teatros e cinemas na formação da Praça Tiradentes e da Cinelândia*”, Rio de Janeiro: UFRJ, 2000.

LODI, Maria Cristina Vereza, Maria Cristina Coelho Duarte e Ronaldo Brilhante. *Projeto de Revitalização da Praça Tiradentes e arredores: o passado presente no futuro*. Rio de Janeiro: O Departamento, 2005

MADURO, Lia Costa. *Guia Museu dos Teatros*. Niterói: Imprensa Oficial, 1978

MAGALDI, Sábado. *Panorama do Teatro Brasileiro*. Rio de Janeiro: Serviço Nacional de Teatro, 1962

OLIVEIRA, Lucia Lippi. *Cultura é Patrimônio: um guia*. Rio de Janeiro: FGV, 2008

REBELO, Marques e Antonio Bulhões. *O Rio de Janeiro do Bota-abaixo*. Rio de Janeiro: GMT Editores, 1997.

REIS, Angela de Castro. *A Tradição Viva em Cena: Eva Todor na companhia Eva e seus artistas*. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2013.